

- L -

**O SUBALTERNO PODE FALAR: VOZES DA EJA POR  
MEIO DA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*, DE CAROLINA  
MARIA DE JESUS, NA REDE MUNICIPAL DE BELFORD  
ROXO, RJ**

**Pamela Maria do Rosário Mota**

UNIRIO

pamelamota23@yahoo.com.br

Uma escola pública que se propõe plural e democrática é aquela que estabelece, entre outras coisas, o diálogo entre si e o outro, desfrutando da democracia não apenas como “um conjunto de garantias institucionais ou reino da maioria, mas antes de tudo [como] o respeito pelos projetos individuais e coletivos que combinam a afirmação de uma liberdade pessoal com o direito de identificação com uma coletividade social” (TOURAINÉ, 1996, p. 26).

Uma educação que se proponha democrática deve respeitar a vivência do outro e construir relações entre os sujeitos do processo, de modo que eles sejam capazes de revisitar a cultura e ressemantizá-la. Uma escola de qualidade é aquela cujos conceitos formais, acadêmicos, científicos e conteúdos políticos, culturais e sociais são planejados de maneira conjunta objetivando, como mostra o art. 2 da LDB, “o desenvolvimento pleno do educando, sua preparação para o exercício da cidadania” (LDB/9394). A escola que excluiu por tantos anos classes sociais menos favorecidas tem o dever de se preocupar com a justiça, a equidade e atender às demandas da comunidade escolar.

A Divisão de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação de Belford Roxo, município da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, a 20 km da capital, propôs, no ano letivo de 2018, sensibilizar o aluno da EJA na compreensão de como ele, enquanto sujeito, em seu próprio discurso, detém uma voz a clamar por uma afirmação identitária. Para tanto, sugeriu, a partir do documento base “Integrando saberes através dos escritos de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo*”, que as escolas da rede, cuja tal modalidade fosse ofertada, tivessem como objetivo: “estimular a escrita e a leitura nas turmas

de EJA, possibilitar aos professores a prática interdisciplinar, atribuir significado aos conteúdos ministrados aos alunos da modalidade e inserir a questão identitária através dos textos de uma escritora negra e moradora da periferia, como nossos alunos.” (SILVA, 2018, p. 204).

Nesse trabalho, pretende-se apresentar de que forma o projeto interdisciplinar voltado à Educação de Jovens e Adultos, proposto pela prefeitura de Belford Roxo, foi posto em prática durante as aulas em uma escola municipal localizada no bairro de Shangri-lá. É uma região com sérios problemas de recursos públicos básicos, localizado em um dos municípios com os maiores índices de pobreza<sup>42</sup>, o mais desigual no que se refere à distribuição de renda entre os mais pobres e mais ricos<sup>43</sup> no estado do Rio de Janeiro, e que já foi considerado o mais violento do mundo, segundo a ONU na década de 80 (SILVA, 2003). A cidade possui 469.332 habitantes e se tratando de jovens e adultos – o recorte dessa pesquisa – 8% com 15 anos ou mais são analfabetos, segundo os dados do censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Em um município cuja população é composta por indivíduos jovens negros e pardos (cerca de 60%, segundo dados do Observatório das Metrópoles da UFRJ (UFRJ, 2010) e no qual a EJA possui suas particularidades, a equipe docente e pedagógica da supracitada unidade escolar teve o intuito de debater sobre a diversidade étnica e cultural do Brasil, desconstruindo, ainda, estereótipos e desigualdades vivenciados pelo feminino, pelo favelado e pelo periférico através dos relatos em forma de diários de Carolina, durante as aulas de Língua Portuguesa e História. Esta interação geraria a prerrogativa de se edificar um projeto político pedagógico ressemantizador, que possibilitasse, pela ação educativa, a constituição de conhecimentos e de valores. Seria a tentativa de garantir a conjugação das atividades social e cultural da escola com suas contribuições pedagógicas.

Desta maneira, ações interdisciplinares durante a interpretação textual de *Quarto de Despejo* auxiliaram à percepção dos alunos sobre a criticidade do sujeito periférico capaz de falar sobre suas próprias problemáticas sem precisar que alguém o represente. Assim, a autora apresenta, em tom autobiográfico, como o subalterno transgride de objeto para sujeito, mostrando ao leitor/ouvinte a sua capacidade de se autoexpressar. A escolha pelos escritos de Carolina para a modalidade da EJA foi relevante, pois os alunos perceberam, em sua obra,

---

<sup>42</sup> Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano, o município em 2000, possuía o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,742, e, segundo a classificação do PNUD encontra-se entre as regiões de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5e 0,8). Já de acordo com o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM), o município está entre os cinco piores do estado.

<sup>43</sup> Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano, 2000.

um sujeito que ecoa uma voz coletiva através de um testemunho pessoal sobre uma experiência que, mais que individual, é do grupo a que pertence; conseqüentemente, muitos discentes se identificaram por meio da reflexão de Carolina sobre o seu próprio papel na sociedade: sua condição de negra, mulher, pobre, mãe solteira, moradora de favela. E assim, como Carolina, eles poderiam ser atores de seus próprios discursos.

Neste viés, algumas perguntas guiaram os profissionais da escola em análise para que se proporcionasse um contexto escolar democrático e de valorização da alteridade: de que maneira a escola promoveria a valorização da cultura africana, fazendo com que seu aluno tivesse um olhar crítico sobre a História que, por tantas vezes, repercute apenas a visão do vencedor e não a do vencido? Quais ações seriam colocadas em prática para que os discentes percebessem a multiplicidade da identidade brasileira, na qual a tradição africana se insere?

Para tanto, ao longo das aulas de Língua Portuguesa e de História do primeiro semestre de 2018, através da construção do subprojeto intitulado “O subalterno pode falar: vozes da periferia do Tenente Valmor”, tivemos como ponto chave as relações étnico-raciais a fim de se ressignificar a temática da identidade nacional e, desta forma, auxiliar os alunos a apreenderem a pluralidade de suas origens e a diversidade étnica e cultural do Brasil, exercitando, também, a Lei Federal 10.639/2003, que tornou obrigatório, felizmente, o ensino da cultura e da história afrodescendente no currículo escolar. Além disso, ratificou-se a importância de se entender as diversas verdades da História e o entrelaçamento de uma constelação de fatores como estratégias argumentativas que mediam a investigação do aluno à reflexão de mundo. Ao fim do semestre, a escola apresentou, na I Roda de Conversa Vozes da EJA, evento idealizado pela Divisão de Educação de Jovens e Adultos de Belford Roxo, as práticas pedagógicas ocorridas relacionadas ao livro *Quarto de Despejo*.

Neste encontro, foi exposto o objetivo geral do projeto difundido na escola: os alunos (com o auxílio da mediação do professor) ao analisarem a dimensão autoetnográfica (PRATT, 1999) presente na obra, perceberam como Carolina Maria de Jesus reconstrói e questiona, por meio da escrita, um imaginário hegemônico que orienta sociabilidade dos grupos mais abastados e também dos subalternos e que contribui para o silenciamento e opressão do indivíduo periférico. Logo, “reagir contra o esquecimento imposto por uma comunidade hegemônica, cujos horizontes ideológicos, muitas vezes, impediam de ver ou ler a diferença do *Outro*” (ACHUGAR, 2006, p. 163) permite que este *Outro* seja *Eu*, numa tentativa de sensibilizar os alunos por meio da leitura, da escrita e da escavação dos vestígios da História, a alterarem as práticas de dominação literária e social. Nas especificidades interdisciplinares, podemos citar: **i.** a discussão sobre a leitura, o seu processo dialógico e a

possibilidade de construção de sentido através do ato de ler; **ii.** a desconstrução de critérios pré-estabelecidos de escrita/fala “certa” ou “errada”, abordando as concepções discursivas de adequação e inadequação textual; **iii.** inferência de informações extratextuais nos gêneros lidos; **iv.** comparação de informações, trazendo para o tempo presente fatos passados, ressemantizando ideias; **v.** crítica e reflexão sobre as outras verdades e histórias encobertas pelo discurso hegemônico; **vi.** compreensão da História da África e a sua influência étnica, literária e cultural no Brasil.

Influenciados pelo documento norteador da Educação de Jovens e Adultos e em debates ocorridos em reuniões mensais pedagógicas na unidade escolar, tecemos, através de um caminho teórico-metodológico pautado em pesquisa bibliográfica sobre subalternidade (SPIVAK), literatura da margem (ACHUGAR) e ressemantização da História (BENJAMIM), aulas em que os alunos pudessem se identificar por meio da inserção de suas experiências e do seu ambiente social. Com isso, tentou-se desenvolver práticas pedagógicas atrativas ao público da EJA, como a audição do samba-enredo de 2018 – da escola de samba do Rio de Janeiro, Paraíso do Tuiuti – “Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão?”, a fim de se refletir sobre o processo de escravidão, suas consequências e outros tipos de dominação social; a exibição do filme *Estrelas além do tempo*, para abordagem da quebra de estereótipos sobre o feminino e preconceitos raciais; a discussão sobre o legado de Martin Luther King; o silenciamento daqueles à margem como o assassinato da vereadora Marielle Franco – negra, mulher, favelada, homossexual; o concurso de poesias “Vozes da periferia” através construção de poemas a partir da paródia de *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias visualizando a palavra-poema como voz do exilado em sua própria terra.

Por fim, observou-se que o desenvolvimento do projeto auxiliou os discentes a compreenderem que a ausência de conhecimentos sobre os aspectos socioculturais dos brasileiros mais afastados da cultura negra prejudica a integração entre os indivíduos, podendo gerar uma suposta superioridade de uma cultura em detrimento de outra, uma vez que, durante anos, houve a repercussão de uma visão cultural ligada à herança europeia e este ideal hegemônico afeta, até hoje, a nossa sociedade, que possui problemas em perceber a diversidade da identidade nacional. Embora tal pluralidade tenha sido inserida de maneira tão bruta e desrespeitosa, através dessa diversidade podemos observar a grandiosidade das raízes africanas de nossos ancestrais, sendo a escola um ambiente profícuo para o debate e reflexão dessa multiplicidade. Lugar composto por indivíduos possuidores de variadas ideias, é nela que devem ser discutidas de maneira crítica as problemáticas e consequências em torno da imposição de um eurocentrismo que renegou a influência africana. É também no contexto

escolar que há auxílio na formação de jovens críticos e cidadãos participativos, conhecedores de sua história e cultura, a valorizarem as africanidades e a cultura periférica.

### REFERÊNCIAS:

ACHÚGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura**. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BENJAMIN, Walter. "Sobre o conceito da História". In: *Magia e técnica, arte e política*. SP: Brasiliense, 1994.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS APLICADAS ANÍSIO TEIXEIRA. (2017). Sinopse Estatística da Educação Básica 2016. Brasília: INEP

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Editora Ática, 2014.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

ROXO, Secretaria Municipal de Educação de Belford; Divisão de Educação de Jovens e Adultos (Jan. de 2018). **Documento Norteador - Integrando saberes através dos escritos de Carolina Maria de Jesus, em Quarto de Despejo**.

SILVA, Leonardo Rabelo de Matos. **Belford Roxo: razões para a queda da criminalidade**. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, VI, n. 13, 2003.

TOURAINÉ, Alain. **O que é democracia?** Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

### REFERÊNCIAS ONLINE:

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

BRASIL, IBGE. **Censo demográfico de Belford Roxo**, 2000. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330045>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

BRASIL. **Lei n. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm). Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

BRASIL, **ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL**. Disponível em: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/1852](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/1852). Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

RIO DE JANEIRO, Instituto de Segurança Pública. **Segurança Pública em números**. <http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=155>. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.

SILVA, Thatiana Barbosa. “Integrando saberes através dos escritos de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de despejo* – Uma proposta interdisciplinar para alunos e professores da EJA da Rede Municipal de Belford Roxo.” *In*: ANPAE, ANFOPE. **Anais do XI Seminário Regional da ANPAE Sudeste / XI Encontro Regional SUDESTE da ANFOPE / XIV Encontro Estadual da ANFOPERJ / VII Seminário Estadual da ANPAE-RJ. ‘Política, gestão e formação de professores: (contra)reformas e resistências’**. Niterói, UFF, 2018, pp. 203-208. ISBN: 978-85- 922051-4-0. Disponível em <http://www.anfope.org.br/publicacoes/>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

UFRJ. “Como Anda o Rio de Janeiro”. *In*: **Observatório das Metrôpoles**. Disponível em [http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/como\\_anda/como\\_anda\\_RM\\_riodejaneiro.pdf](http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_riodejaneiro.pdf), 2000. Acesso em 10 de fevereiro de 2019.